

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Edineia Santos Barros – Bacharel em Psicologia – FAMAP. E-mail:
edineiabarros7@gmail.com

André Benassuly Arruda – Docente – FAMAP. E-mail:
profpsi21@faculdefamap.edu.br

Genecy Roberto dos Santos Bachinski – Docente – FAMAP. E-mail:
genecypsi@hotmail.com

Geny Roberto dos Santos – Docente – FAMAP. E-mail:
administrativo@faculdefamap.edu.br

Helena Cristina Santos Nascimento – Docente – FAMAP. E-mail:
administrativo@faculdefamap.edu.br

Josie Rodrigues Vieira – Docente – FAMAP. E-mail:
administrativo@faculdefamap.edu.br

Marineide Aquino de Souza – Docente – FAMAP. E-mail:
administrativo@faculdefamap.edu.br

Maria Clara Nascimento Teixeira – Docente – FAMAP. E-mail:
administrativo@faculdefamap.edu.br

Sinandra Carvalho dos Santos Fernandes – Docente – FAMAP. E-mail:
administrativo@faculdefamap.edu.br

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a importância da afetividade no contexto da educação infantil, destacando como os vínculos afetivos estabelecidos entre professores e crianças influenciam diretamente no processo de aprendizagem, no desenvolvimento emocional e na formação da autonomia. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, fundamentada na análise de dez estudos publicados entre 2019 e 2024, que abordam o tema sob diferentes perspectivas teóricas e metodológicas. Os resultados apontam que, embora a afetividade seja amplamente reconhecida como essencial na prática pedagógica, ela ainda é pouco sistematizada nas diretrizes oficiais e frequentemente negligenciada pelas políticas educacionais. Os estudos revelam, ainda, que ambientes escolares afetivos favorecem o engajamento, a autoestima e a

permanência das crianças, especialmente quando o afeto é intencionalmente incorporado ao planejamento pedagógico. Além disso, a revisão destaca que a ausência de relações afetivas consistentes pode agravar desigualdades sociais, emocionais e acadêmicas, afetando o direito das crianças a uma educação de qualidade. Conclui-se que a afetividade, longe de ser um atributo secundário, deve ser compreendida como eixo central de uma prática docente ética, sensível e comprometida com a formação integral da criança.

Palavras-Chave: Educação Infantil; Afetividade; Relação Professor-Aluno; Formação Docente.

INTRODUÇÃO

A afetividade é um dos pilares fundamentais do desenvolvimento humano, exercendo influência direta sobre os aspectos emocionais, sociais e cognitivos do indivíduo desde os primeiros anos de vida. Na educação infantil, fase marcada por intensas descobertas e formação da personalidade, a afetividade adquire papel central no processo de ensino-aprendizagem. O vínculo estabelecido entre educador e criança, quando pautado pelo afeto, respeito e empatia, favorece a construção de um ambiente seguro, acolhedor e propício ao desenvolvimento integral da criança.

Autores como Henri Wallon e Lev Vygotsky reforçam a indissociabilidade entre o desenvolvimento afetivo e o cognitivo, destacando que o aprendizado ocorre de forma mais eficaz quando há envolvimento emocional e relações de confiança entre os sujeitos. Dessa forma, o professor não deve ser visto apenas como um transmissor de conhecimentos, mas como um mediador que, ao estabelecer vínculos afetivos com seus alunos, estimula a autonomia, a autoestima e o desejo de aprender. Com base nesse entendimento, torna-se necessário refletir sobre o papel da afetividade nas práticas pedagógicas da educação infantil e sobre como ela pode ser conscientemente promovida pelos profissionais da área.

A escolha deste tema justifica-se pela crescente necessidade de humanização das relações no ambiente escolar, especialmente nas etapas iniciais da educação básica. Em um cenário educacional, muitas vezes marcado pela ênfase nos resultados cognitivos, torna-se urgente resgatar o olhar sensível sobre a criança como sujeito de direitos e necessidades emocionais. Compreender a afetividade como parte integrante do processo

educativo é também um passo importante para a valorização do trabalho docente e para a construção de práticas pedagógicas mais empáticas, éticas e transformadoras.

Diante disso, formula-se o seguinte problema de pesquisa: como a afetividade influencia o processo de aprendizagem e o desenvolvimento emocional das crianças na educação infantil? Parte-se da hipótese de que a construção de vínculos afetivos entre professor e aluno favorece não apenas o desempenho escolar, mas também o fortalecimento da identidade, da autoestima e da segurança emocional das crianças.

Nesse contexto, a relevância deste estudo reside na possibilidade de contribuir para uma educação mais sensível às necessidades emocionais das crianças, promovendo uma formação integral que valorize tanto o aspecto cognitivo quanto o afetivo. Além disso, ao lançar luz sobre as contribuições da Psicologia para a prática pedagógica, a pesquisa pretende colaborar com a formação de educadores mais conscientes do impacto de suas relações interpessoais no desenvolvimento infantil.

Assim, este estudo tem como objetivo geral compreender a importância da afetividade no processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil. Como objetivos específicos, busca-se: identificar como os vínculos afetivos entre educadores e crianças influenciam o desenvolvimento emocional e cognitivo; investigar práticas pedagógicas que valorizem a afetividade na rotina escolar; analisar a percepção dos professores sobre o papel da afetividade na educação infantil; refletir sobre as contribuições da Psicologia no fortalecimento das relações afetivas no contexto escolar.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória, com abordagem integrativa. A abordagem qualitativa foi escolhida por possibilitar uma compreensão aprofundada dos significados atribuídos à afetividade no contexto da educação infantil, valorizando as experiências e percepções dos sujeitos envolvidos. Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa é apropriada quando o objetivo é compreender fenômenos em sua complexidade, considerando aspectos subjetivos e simbólicos.

O caráter exploratório justifica-se pela intenção de ampliar o conhecimento sobre a temática da afetividade nas práticas pedagógicas, especialmente nas séries iniciais,

onde a formação de vínculos é essencial. Já a revisão integrativa foi adotada como método de investigação bibliográfica, pois permite a síntese de resultados de pesquisas anteriores de forma sistemática, favorecendo a construção de uma base teórica sólida e atualizada sobre o tema.

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica com enfoque integrativo, os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram artigos científicos, livros, dissertações e outros documentos acadêmicos disponíveis em bases como Scielo, Google Scholar, Periódicos CAPES, Repositórios Institucionais e bibliotecas virtuais.

Os critérios de inclusão consideraram publicações entre os anos de 2015 e 2024, que abordassem a relação entre afetividade, aprendizagem e educação infantil. Para garantir a confiabilidade dos dados, foram selecionados apenas textos completos, com rigor metodológico e reconhecimento acadêmico. Foram excluídos materiais de caráter opinativo, sem fundamentação teórica ou metodológica consistente.

Os dados obtidos serão submetidos à análise de conteúdo, conforme proposto por Bardin (2016), que permite a organização, categorização e interpretação dos dados de forma sistemática. Essa técnica visa identificar núcleos de sentido nas obras analisadas, agrupando os conteúdos em categorias temáticas que evidenciem a presença e a relevância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem na educação infantil.

A análise será realizada em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Na pré-análise, os textos serão lidos e posteriormente organizados conforme critérios temáticos. Na etapa de exploração, serão extraídas passagens significativas e construídas categorias analíticas. Por fim, no tratamento dos dados, serão estabelecidas conexões entre os resultados encontrados e os objetivos propostos nesta pesquisa.

RESULTADO E DISCUSSÕES

A partir do levantamento realizado, dez estudos foram selecionados para compor o corpus da presente revisão. Esses trabalhos, produzidos entre os anos de 2019 e 2024, abordam diferentes recortes sobre a afetividade na educação infantil, com métodos variados e enfoques complementares. A sistematização dessas produções permitiu

observar tendências recorrentes, lacunas ainda pouco exploradas e a diversidade de abordagens sobre o tema.

Em vez de seguir uma única linha metodológica, os estudos reunidos se distribuem entre investigações qualitativas, revisões teóricas e análises documentais. Essa diversidade contribuiu para ampliar a compreensão sobre como a afetividade se manifesta em práticas educativas, em políticas públicas e no cotidiano das salas de aula. Os dados extraídos desses trabalhos foram organizados em uma tabela síntese, que serviu de base para esta etapa descritiva.

Uma parte significativa dos artigos analisou diretamente a relação entre professor e aluno na primeira infância, evidenciando o impacto do vínculo afetivo no desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais. Outros estudos focaram nos efeitos da afetividade no processo de construção da autonomia infantil ou na promoção de ambientes escolares mais seguros e acolhedores. Também houve trabalhos que destacaram o papel da afetividade no planejamento pedagógico e na formação docente.

A produção científica mais recente concentra-se sobretudo a partir de 2020, o que pode estar relacionado ao aumento do debate público sobre saúde mental e relações humanas no ambiente educacional, especialmente após o contexto da pandemia. A análise dos objetivos e resultados descritos nos artigos revela, ainda que em recortes diferentes, um ponto em comum: o reconhecimento da afetividade como elemento estruturante da prática pedagógica e não apenas como um recurso complementar.

Na totalidade dos trabalhos, observou-se também a presença de referenciais teóricos clássicos, como Vygotsky e Wallon, frequentemente associados a autores contemporâneos que buscam atualizar essas contribuições às demandas da educação atual. Essa combinação teórica conferiu densidade aos estudos e reforçou a articulação entre teoria e prática.

Os resultados desta revisão, portanto, não consistem em dados numéricos ou estatísticos, mas na consolidação textual de evidências qualitativas que sustentam a importância da afetividade no processo educativo infantil. A seguir, a Tabela 1 reúne os principais dados dos estudos revisados, permitindo uma visualização clara e objetiva das contribuições analisadas.

TABELA 1: caracterização dos estudos analisados

AUTOR E ANO	TÍTULO DA OBRA	METODOLOGIA APLICADA	OBJETIVO PRINCIPAL
Amorim; Calil (2020)	A afetividade nos documentos oficiais da educação infantil: uma questão a ser explorada	Análise documental	Analisar a presença da afetividade nos documentos oficiais da educação infantil.
Porto et al. (2020)	Afetividade na Educação: Relação Professor-Aluno, Contribuições para o Ensino-Aprendizagem	Pesquisa bibliográfica e qualitativa	Compreender o papel da afetividade entre professor e aluno no ensino de período integral.
Almeida (2022)	Afetividade na educação infantil: crianças de 4 e 5 anos de idade	Pesquisa bibliográfica e observação	Investigar como a afetividade auxilia no processo de ensino e aprendizagem de crianças na educação infantil.
Lopes (2023)	A afetividade na educação infantil: o que dizem as professoras	Pesquisa de campo com abordagem qualitativa	Analisar a compreensão das professoras sobre a afetividade na relação professor-criança
Teixeira (2020)	O afeto entre estudante e professor e sua relevância para os processos de ensino-aprendizagem	Pesquisa bibliográfica e estudo de caso	Compreender como a afetividade pode contribuir para o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças.
De Oliveira (2020)	A afetividade na educação infantil: um estudo bibliográfico na perspectiva de Henri Wallon	Revisão bibliográfica	Mapear pesquisas que discutem a afetividade na educação infantil à luz da teoria de Henri Wallon
Silva (2019)	Afetividade e autonomia na educação infantil	Estudo de caso com diário de bordo	Analisar a relação entre afetividade e construção da autonomia no processo de transição entre ciclos na educação infantil.
Souza (2019)	Afetividade na educação infantil	Revisão bibliográfica	Estudar a afetividade como componente das relações de ensino-aprendizagem na educação infantil.
Rodrigues; Blaszkó (2021)	A afetividade na relação professor-aluno e o processo ensino-aprendizagem	Pesquisa bibliográfica	Discutir a importância da afetividade na relação professor-aluno e seu impacto no processo de ensino-aprendizagem.
Braga et al., (2024)	Afetos desiguais: marcadores sociais e afetividade na educação infantil	Análise crítica e revisão teórica	Discutir as desigualdades afetivas na educação infantil e seus impactos nas relações escolares.

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Discussão

Afetividade nos Documentos Oficiais e na Organização Escolar

Ao percorrer a produção científica dos últimos anos, torna-se evidente que a afetividade na educação infantil deixou de ser um tema marginalizado para se consolidar como eixo estruturante das práticas pedagógicas. A presente revisão, composta por estudos de distintas abordagens e metodologias, revela um movimento comum: a busca por compreender como os vínculos emocionais influenciam diretamente nos processos de ensino, aprendizagem e desenvolvimento integral da criança. Essa convergência teórica não ocorre por acaso; ela se ancora em evidências empíricas que demonstram

que o afeto é mais do que um elemento subjetivo — é fundamento das relações pedagógicas eficazes.

No estudo de Amorim e Calil (2020), por exemplo, essa questão ganha contornos institucionais. As autoras evidenciam uma contradição relevante: apesar da valorização retórica do desenvolvimento integral nos documentos oficiais, o aspecto afetivo é tratado de forma vaga, quase como um subtexto. Essa ausência normativa não é neutra; ela produz efeitos concretos na prática docente, especialmente quando o educador se vê desamparado por políticas públicas que sustentem ações pedagógicas centradas no cuidado emocional. O artigo, nesse sentido, denuncia a urgência de atualizar os marcos legais da educação infantil para que a afetividade seja não apenas reconhecida, mas regulamentada como parte do processo formativo.

Na contramão da omissão institucional, o estudo de Porto et al. (2020) propõe um olhar experiencial. Os autores exploram a afetividade como elo entre o tempo escolar prolongado e o fortalecimento de vínculos significativos. Em contextos de jornada integral, argumentam, o tempo torna-se aliado para o cultivo de relações mais sólidas, desde que haja intencionalidade pedagógica. Essa perspectiva nos convida a repensar o tempo escolar não apenas como quantidade, mas como qualidade relacional. Quando professores conseguem reconhecer e validar as emoções das crianças, abrem-se caminhos para a escuta, o respeito mútuo e, sobretudo, para uma aprendizagem que faz sentido.

Outro ponto relevante é a análise de Amorim e Calil (2020), que volta o olhar para os documentos oficiais da educação infantil e identifica a afetividade como um aspecto pouco explorado nos marcos regulatórios. Ainda que haja menções à importância do acolhimento e do desenvolvimento integral, os autores argumentam que o discurso institucional muitas vezes se distancia das práticas escolares efetivas. Essa lacuna entre norma e realidade pedagógica evidencia a necessidade de políticas públicas mais coerentes com os saberes da prática e com os desafios vivenciados por educadores no cotidiano das instituições.

Em diálogo com essa crítica, o estudo de Porto et al. (2020) destaca a afetividade como fator decisivo para o sucesso da experiência escolar em tempo integral. A pesquisa evidencia que o aumento da carga horária nas escolas públicas exige não apenas mais conteúdo, mas também relações mais profundas e consistentes entre professores e alunos. A afetividade, nesse cenário, deixa de ser uma “camada extra” da prática

pedagógica para se tornar condição indispensável à permanência e ao bem-estar das crianças nas instituições. Sem vínculos, o tempo ampliado pode se tornar apenas uma extensão da rotina exaustiva.

Alguns estudos, como o de Braga et al. (2024), ampliam essa concepção ao evidenciar como as estruturas escolares — organização do tempo, divisão dos espaços, número de alunos por turma — também influenciam as possibilidades de vínculo. Ambientes superlotados, jornadas extenuantes e ausência de planejamento coletivo minam as condições para a construção de relações afetivas genuínas. Dessa forma, promover a afetividade exige repensar também os aspectos organizacionais da escola.

Afeto, Práticas Docentes e Desafios da Formação

A partir de uma abordagem mais empírica, Almeida (2022) aprofunda essa análise com base na observação do comportamento de crianças de quatro e cinco anos em sala de aula. O estudo aponta que o afeto funciona como catalisador da participação infantil: crianças acolhidas emocionalmente tendem a se envolver mais nas atividades, a demonstrar curiosidade e a estabelecer interações saudáveis com os colegas. A autora não romantiza a afetividade — pelo contrário, destaca os desafios de mantê-la em contextos escolares marcados pela pressa e pela rotinização. Ainda assim, conclui que o afeto é um terreno fértil para o florescimento da autonomia, da linguagem e da autoestima.

Lopes (2023), ao reunir a voz de profissionais da educação, traz à tona uma dimensão muitas vezes silenciada: a do cansaço docente diante da cobrança por afetividade em cenários de escassez. O estudo evidencia que, embora as professoras compreendam o valor do afeto, sentem-se atravessadas por dilemas estruturais que dificultam sua prática — desde a precarização do trabalho até a falta de formação continuada. Ainda assim, o discurso das educadoras revela uma resistência ética: mesmo diante das adversidades, elas persistem na tentativa de criar vínculos significativos com seus alunos, reafirmando a afetividade como escolha política e ato de compromisso com a infância.

A contribuição de Teixeira (2020) também enriquece esse debate ao abordar a relevância do afeto no desenvolvimento cognitivo e emocional. O autor sustenta que a aprendizagem significativa não pode ser reduzida a mera transmissão de conteúdos, pois

depende da mediação afetiva para se concretizar. Essa mediação, segundo ele, não ocorre de forma automática, mas requer sensibilidade, escuta ativa e disposição para compreender o outro em sua complexidade.

A pesquisa de De Oliveira (2020) reforça essa leitura ao retomar os fundamentos teóricos de Henri Wallon. Para o autor francês, emoção e cognição são aspectos indissociáveis do desenvolvimento infantil, sendo a afetividade o eixo a partir do qual se organizam os demais processos psíquicos. Oliveira retoma essa concepção para criticar práticas escolares que desconsideram o universo emocional das crianças, tratando o afeto como algo “extra”, e não como parte constitutiva da educação.

No estudo de Silva (2019), a afetividade aparece em diálogo com a autonomia infantil, em um contexto específico: o da transição entre os ciclos da educação infantil. A autora, por meio de um estudo de caso e diário de bordo, mostra como a criação de vínculos seguros possibilita à criança enfrentar esse momento de ruptura com mais confiança e equilíbrio emocional. Não se trata de proteger excessivamente, mas de criar um ambiente onde o afeto funcione como suporte para a exploração e a experimentação.

Souza (2019) retoma uma discussão mais ampla ao investigar o papel da afetividade nas relações de ensino-aprendizagem de forma geral. Sua revisão bibliográfica reforça a ideia de que o afeto é elemento transversal, que perpassa todas as etapas do processo educativo, do planejamento à avaliação. O estudo problematiza a fragmentação entre o “ensinar” e o “cuidar”, tão presente nas práticas pedagógicas e ainda mais visível na educação infantil. Para o autor, superar essa dicotomia exige um olhar integral sobre a criança, entendendo-a como sujeito de direitos e não apenas como destinatária de conteúdos.

Rodrigues e Blaszkó (2021) avançam nesse argumento ao discutirem como a afetividade influencia diretamente a relação entre professor e aluno. A pesquisa revela que professores que desenvolvem escuta empática e constroem vínculos afetivos com seus alunos percebem maior engajamento, melhor comportamento e resultados mais consistentes na aprendizagem. No entanto, os autores também alertam para os riscos da idealização dessa relação: o afeto, quando utilizado de forma manipuladora ou desproporcional, pode se tornar fonte de dependência ou desrespeito à individualidade da criança. A afetividade, portanto, deve ser cultivada de forma ética, respeitando os limites e as necessidades de ambas as partes.

Outro aspecto que se destaca nos estudos é a interdependência entre afetividade e reconhecimento. Vários autores, direta ou indiretamente, apontam que a criança só se sente verdadeiramente acolhida quando é reconhecida em sua individualidade, com suas histórias, ritmos e modos de existir. Isso significa que o afeto não pode ser padronizado nem instrumentalizado. Ele precisa partir da escuta genuína e do respeito às múltiplas infâncias que habitam o espaço escolar. Nesse sentido, a afetividade se aproxima de uma ética do cuidado, como propõe o pensamento de autores contemporâneos como Nel Noddings e Carla Rinaldi.

Desigualdades Afetivas, Intencionalidade Pedagógica e Prática Ética

O estudo de Braga et al. (2024) introduz um elemento muitas vezes negligenciado nas discussões sobre afetividade: a intersecção com marcadores sociais da diferença, como raça, gênero e classe. Ao analisar a ideia de “afetos desiguais”, os autores evidenciam que nem todas as crianças experimentam o mesmo tipo de acolhimento afetivo na escola. Crianças negras, por exemplo, são mais frequentemente associadas à indisciplina e, por isso, recebem menos gestos de carinho e cuidado. A análise crítica proposta pelo estudo nos obriga a reconhecer que o afeto, na prática escolar, não é neutro — ele carrega também as marcas de desigualdades históricas e estruturais.

Esse recorte trazido por Braga et al. é essencial para complexificar a compreensão da afetividade. Não se trata apenas de incentivar relações calorosas entre adultos e crianças, mas de questionar quais crianças têm acesso a essas relações e quais são sistematicamente excluídas delas. O estudo reforça a importância de pensar a afetividade em diálogo com a justiça social, reconhecendo que um projeto pedagógico verdadeiramente afetivo precisa também ser antirracista, inclusivo e atento às múltiplas formas de opressão que atravessam o cotidiano escolar.

A discussão também revela que a afetividade tem um papel estruturante na prevenção da evasão escolar ainda nos primeiros anos da vida acadêmica. Embora a evasão na educação infantil seja um fenômeno menos quantificado do que no ensino fundamental ou médio, estudos como o de Silva (2019) apontam que a ausência de vínculos afetivos pode gerar resistência à escola, comportamento retraído ou agressivo, e até abandono precoce da instituição. Investir em relações afetivas desde a primeira infância, portanto, é uma estratégia potente de permanência e de inclusão.

O conjunto de pesquisas analisadas nesta revisão permite afirmar que a afetividade na educação infantil não é um conceito abstrato ou poético. Ela se traduz em práticas pedagógicas concretas: o modo como o professor acolhe uma pergunta, a maneira como reage ao erro, o tipo de linguagem que utiliza, a atenção ao corpo da criança. Todos esses gestos comunicam afeto — ou sua ausência.

Como observam Porto et al. (2020), essas pequenas interações cotidianas são a base sobre a qual se constrói (ou não) o desejo de aprender. É importante ressaltar, por fim, que a afetividade não substitui a intencionalidade pedagógica, mas a sustenta. Uma prática pedagógica afetiva não é sinônimo de permissividade ou ausência de limites. Ao contrário: ela se baseia em relações firmes, porém respeitosas, que transmitem segurança às crianças e favorecem o desenvolvimento da autorregulação emocional.

Vários estudos discutem a importância de estabelecer rotinas, regras claras e momentos de escuta afetiva como formas de educar para a convivência e o autocuidado. Diante disso, compreende-se que a afetividade é tanto um princípio quanto uma prática, um horizonte ético e uma postura cotidiana. Ela desafia o educador a se implicar no processo educativo não apenas com o intelecto, mas também com a sensibilidade. E desafia a escola a ser um espaço onde as relações humanas importem tanto quanto os conteúdos ensinados. Nesse sentido, todos os estudos analisados convergem em uma mesma direção: sem afeto, não há educação que se sustente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Marizeth Silva de. **Afetividade na educação infantil: crianças de 4 e 5 anos de idade**. 2022. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Instituto Federal Goiano, Campus Iporá, Iporá, 2022. Disponível em: https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/31110/3/tcc_Marizeth%20Silva%20de%20Almeida.pdf. Acesso em: 31 maio 2025.

AMORIM, G. C. L. A afetividade na relação professor-aluno e o processo ensino-aprendizagem. **Revista Rease**, v. 7, n. 10, p. 135–146, 2021. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/2891>. Acesso em: 6 maio 2025.

AMORIM, G. C. L.; CALIL, A. M. G. C. A afetividade nos documentos oficiais da educação infantil: uma questão a ser explorada. **Devir Educação**, v. 4, n. 8, p. 194–213, 2020. Disponível em: <https://devireducacao.ded.ufla.br/index.php/DEVIR/article/view/202>. Acesso em: 6 maio 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
Disponível em: <https://docplayer.com.br/13123538-Laurence-bardin-analise-de-conteudo.html>. Acesso em: 05 maio 2025.

BOTELHO, Liziane L.; CUNHA, Cristina C. A. da; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Revista Eletrônica Gestão & Sociedade**, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011.
Disponível em: <https://www.gestaoesociedade.org/gestao/article/view/1220>. Acesso em: 05 maio 2025.

BRAGA, D. S.; SILVA, C. S.; LOPES, G. V. M.; NUNES, A. P. A.; CARVALHO, M. Ângela B. de. **Afetos desiguais: marcadores sociais e afetividade na Educação Infantil**. **SciELO Preprints**, 2024. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.7699. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/7699>. Acesso em: 31 maio 2025.

DE OLIVEIRA, Juliana. **A afetividade na educação infantil**: um estudo bibliográfico na perspectiva de Henri Wallon. 2022.

LIMA, R. S.; MONTEIRO, G. F. A importância da afetividade na aprendizagem da criança na educação infantil. **Revista Educação Pública**, 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/44/afetividade-nas-relacoes-educativas-uma-abordagem-da-educacao-infantil>. Acesso em: 29 mar. 2025.
LOPES, Raiane Ellen Albuquerque. **A afetividade na educação infantil: o que dizem as professoras**. 2023. Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, João Pessoa, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/27538/1/REAL26062023.pdf>. Acesso em: 31 maio 2025.

MARTINS, T. A.; RODRIGUES, P. F. Psicologia e educação: contribuições da afetividade para o desenvolvimento infantil. **Revista Finom Humanidade e Tecnologia**, n. 25, 2021. Disponível em: https://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/view/2064. Acesso em: 29 mar. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.
Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-309060>. Acesso em: 05 maio 2025.

OLIVEIRA, J. de. **A afetividade na educação infantil: um estudo bibliográfico na perspectiva de Henri Wallon**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/4882>. Acesso em: 6 maio 2025.

OLIVEIRA, M. L. et al. A importância da afetividade na educação infantil. **Faculdade Multivix**, 2017. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/12/a->

importancia-da-afetividade-no-desenvolvimento-da-crianca-na-educacao-infantil.pdf. Acesso em: 29 mar. 2025.

PORTO, Romenia Alves Ferreira et al. Afetividade na Educação: Relação Professor-Aluno, Contribuições para o Ensino Aprendizagem/Affectivity in Education: Teacher-Student Relationship, Contributions to Teaching and Learning. **ID on line. Revista de psicologia**, v. 14, n. 52, p. 1-15, 2020.

RODRIGUES, G. M. M. M.; BLASZKO, Carolina Elizabel; UJIIE, Nájela Tavares. A afetividade na relação professor-aluno e o processo ensino-aprendizagem. In: **Colloquium Humanarum**. 2021. p. 61-76.

SANTOS, A. P. S.; CARAÚBAS, R. A afetividade e a aprendizagem na educação infantil. **Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)**, 2017. Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/39399/2404040/SANTOS%3B%2BCARAU%C2%B4BAS%2B-%2B2017.1.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2025.

SILVA, E. F.; SOUZA, L. C.; CARVALHO, R. M. A importância da afetividade na educação da criança. **Revista Dialnet**, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4003609.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2025.

SILVA, J. A. F. da. **Afetividade e autonomia na educação infantil**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/46475>. Acesso em: 6 maio 2025.

SOUSA, Fabiane da Silva de; SILVA, Adriana Cristina da. A pesquisa qualitativa na prática: uma abordagem metodológica. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente**, v. 10, n. 1, p. 161-174, 2019. Disponível em: <https://faema.edu.br/revistas/index.php/revistafaema/article/view/744>. Acesso em: 05 maio 2025.

SOUZA, C. T. de A. Afetividade na educação infantil. **Revista Inclusiones**, v. 6, n. 2, p. 232–245, 2019. Disponível em: <https://revistainclusiones.org/index.php/inclu/article/view/1933>. Acesso em: 6 maio 2025.

SOUZA, T. M.; LIMA, V. M.; BARRETO, F. G. A contribuição da Psicologia Escolar para a afetividade na aprendizagem. **Repositório UFPB**, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/32609>. Acesso em: 29 mar. 2025.

TEIXEIRA, Kéller Barroso. **O afeto entre estudante e professor e sua relevância para os processos de aprendizagem e de ensino**. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

